

2. Experiência de si e do tempo na pandemia¹

Luiz Fuganti²

Quero começar citando aqui um enunciado do meu filho de sete anos: “Eu amo o coronavírus, papai!”. Achei muito interessante essa visão afirmativa, por tomá-lo como uma potência da natureza, em relação a um vírus dito assassino por grande parte da sociedade. Questiona-se se o vírus é vivo ou não; ele é uma macromolécula e, como não se reproduz por conta própria, é tido como um modo não vivo. Mas, mais que vida, há potência. E, uma vez que a vida é um modo da potência também, o vírus se apresenta como expressão, manifestação dessa potência, como o são as grandes catástrofes: terremotos, vulcões, furacões... Enfim, uma violência da natureza que, ao mesmo tempo, é uma potência afirmativa de si mesma, é um modo, é uma modalidade do real. Como não acredito no mal e, junto com Espinosa, penso que o mal não é nada, não porque o bem é tudo, mas porque o bem também não é nada, então bem e mal seriam efeitos, geralmente ficções. Mas por que o vírus é visto assim de modo tão terrível por todos, e não por meu filho?

1 Texto elaborado a partir da transcrição do encontro online *Conversa Viva*, com Eder Amaral e Cecília Barros-Cairo, realizado em 20/05/2020 pelo canal *Bica Vidraça* do YouTube. Recuperado de: https://www.youtube.com/watch?v=IQj_pU5cUF8&t=3597s.

2 Filósofo, livre pensador da filosofia da diferença. Autor do livro *Saúde, desejo e pensamento* (Hucitec, 2008), considerado uma referência entre as melhores e mais acessíveis introduções ao pensamento nômade e à filosofia da diferença. Contato: luizfuganti@gmail.com.

Antes de tentar responder à questão, queria dizer da oportunidade que o coronavírus nos traz. Esse acontecimento, em certo sentido, é uma catástrofe, uma tragédia, pois ele é mortífero em vários aspectos; mas ele também pode ser visto a partir de alguns pensadores que nos trazem a ideia de ter a morte como aliada, embora seja esse um pensamento difícil de se entender. Mas, o que seria ter “a morte como aliada”? Isso significaria que a gente deve aderir à cultura da morte?

Na verdade, é justamente o contrário: a morte traz a ideia de um modelo ou modo da passagem, uma visão sobre a passagem, a passagem como uma face do absoluto que nos toca, que envolve necessariamente a todos. Desde que emergimos nessa passagem, ou seja, desde que nascemos, desde que emergimos na existência, já estamos na passagem. E quando saímos dessa existência, sairemos por essa passagem, essa passagem sempre esteve aí, está e sempre estará. A passagem é eterna, há uma eternidade na passagem que sempre se mostrou urgente e necessária. Sempre se mostrou presente, mas nós vivemos de uma maneira tal que afastamos essa ideia, como uma ideia que nos come e nos corrompe.

É interessante a ideia de Charles Fourier de que os valores sociais são corruptores de nossas formações sociais. Não há algo que corrompa os valores que preservariam os modos de vida da sociedade, mas justamente o contrário. Há também uma ideia de que a morte é corruptora ou que o próprio devir é corruptor: o devir seria algo que traria junto consigo a abolição e a aniquilação; no horizonte do devir estaria a morte, a inconsistência, o nada. Essa visão míope de muitos de nós ou de várias formações sociais que foram se dobrando umas sobre as outras, se empilhando umas sobre as outras, criando um acúmulo cultural de uma visão negativa do desejo e de uma visão reativa das forças, faz com que, diante do mal, das ameaças, das dores e das tristezas, simplesmente busquemos desesperadamente uma segurança e uma proteção. E onde as buscamos? Onde sempre buscamos também o sucesso, o desenvolvimento e o crescimento, e, para falar em uma palavra, o empoderamento.

Buscamos a segurança na mesma medida, com o mesmo sentido, com os mesmos instrumentos e ferramentas com que sempre buscamos o empoderamento. Mas, o empoderamento é algo que é cultivado apenas por vidas impotentes. Só a vida impotente busca o poder e se empoderar, porque a

vida potente não precisa do poder; a vida potente cria realidade. Mas as vidas potentes não estão na moda, não estão em voga, não são dominantes. Por isso, é muito difícil reconhecermos que as crianças têm muito a nos ensinar porque se colocam com altivez no acontecimento. É uma espécie de gênio que as invade, e que nos invade quando se apresentam com um pensamento implacável que nos deixa mudos, sem ação, sem ideia, sem o movimento, ou melhor, que nos desloca e arrebatada de uma maneira tal que somos levados por uma ventania para outros modos de se deixar mover e pensar. Enfim, penso que nos conservamos e buscamos segurança, nos defendemos da morte e das ameaças, pelas mesmas determinações que valorizamos tanto e que são valorizadas em nós, para que também nos tornemos função de uma máquina social.

Aderimos a essas determinações sociais que nos empoderam, que nos dão autoridade, que nos dão direito ao gozo e à existência e que nos tornam seres existentes. Ou seja, somos reconhecidos como um ser existente na medida em que atendemos às demandas, por meio dos nossos movimentos corporais e dos usos discursivos ou narrativos que fazemos da linguagem, e por meio de um uso reativo dos nossos afetos. Dessas três maneiras – uso capturado do corpo, uso capturado do pensamento e uso capturado dos afetos –, nós atendemos às demandas de uma máquina social que está sempre batendo à nossa porta com suas necessidades e urgências. Como pagar um boleto bancário antes das dez horas da noite: corremos para tirar da frente essa demanda, mas a demanda de ficar em paz sempre é atropelada por outras tantas demandas sem fim. Quando vemos, passa o dia, a semana, o mês, um ano, passam cinco anos, dez anos, quinze anos, vinte anos... e a demanda de experimentação nunca é atendida. Passa o tempo e nós estamos sempre no final de cada ano dizendo “ano que vem farei isso”, “ano que vem farei aquilo”, “poxa vida, agora não dá”. Aí vem o grito de uma criança e diz “é agora, o agora é agora, o agora não é depois”, “agora não”. Lembro-me de uma música do Palavra Cantada que diz “agora não, já!”.³ É uma homenagem aos bebês. Agora não, já!

“Já” é o imediato do acontecimento. Michel Foucault era obcecado por uma atualidade que não sabemos mais encontrar; trata-se da mesma atualidade que Friedrich Nietzsche mencionava quando era obsessivo pelo intempestivo

3 “Eu sou um bebezinho”, de Paulo Tatit.

e pelo inatual, que é exatamente o mais atual. Por que ele é intempestivo e inatual? Porque não está na ordem do dia da máquina social, ele não é atual para a máquina social. A máquina social sempre nos coloca no que já foi ou no que vai ser, nunca na tempestividade do acontecimento. É por isso que Nietzsche toma o acontecimento como intempestivo, porque não é da ordem do dia a presença, o presente ou a natureza desse presente, dessa presença que traz o acontecimento. Foucault encontra essa atualidade até nos discursos e nas práticas discursivas, que, segundo ele, estão exatamente diante do nosso nariz. Em cada enunciado nosso há algo que se mostra inteiro, apesar de não apreendermos, apesar de ser imperceptível, até inapreensível. Porque não nos relacionamos com aquilo que acontece com o desejo, com as forças, conosco, com os outros, com as relações, na mesma medida que estamos enunciando ou recebendo um enunciado.

Como diz Gilles Deleuze, há uma transformação incorporeal, que é o ato intrínseco e imanente de cada enunciado. Necessariamente há uma transformação incorporeal, que não é dita, que é silenciosa, mas que necessariamente acompanha cada enunciado, sem a qual não haveria nenhuma necessidade de duplicar as coisas por meio das palavras. O enunciado produz uma transformação incorporeal, um outro nível de realidade que captura nosso desejo ou o libera. Mas, a cada momento que o enunciado se produz, a transformação incorporeal acontece, e passado, presente e futuro mudam instantaneamente.

Eis que surge a presença de uma criança, a urgência de uma criança, a necessidade de uma criança e a necessidade da brincadeira, que é levada tão a sério pela criança por ser a voz de uma necessidade que não pode deixar para depois a vida. Somos tão desestimulados a brincar e a cuidar das nossas crianças que convivermos mais com elas é uma oportunidade que o coronavírus nos dá. Mas essa oportunidade sempre existiu, tenhamos ou não dela consciência: é possível conviver com a criança que há em nós, com a criança que há no outro. Muitos adultos não convivem com crianças, mas já foram crianças e trazem ainda uma criança adormecida dentro de si. Esse devir-criança, esse elemento lúdico essencial, deveria ser invocado em cada um de nós. Que presente traz essa presença viva do acontecimento atual e imediato, que não espera: “Agora não, já!”.

E “já” do que, exatamente? “Já” de uma coisa impalpável, de uma coisa que não dá para pegar, de uma coisa a que as máquinas sociais e a sociedade nos desabituarão, nos desacostumaram, nos dessensibilizaram, nos desestimularam desde bebês, desde crianças. Por isso é tão importante cuidar das crianças. Quem de nós adultos é capaz de cuidar das crianças? O mundo está cheio de adultos querendo cuidar delas, mas talvez seja melhor fazermos um primeiro exercício de ser capaz de não as atrapalhar. Já é muito do caminho; o restante, nos esforçamos para ser realmente aliados da vida de uma criança e, principalmente, da criança em nós.

Vejo tantas escolas, diretores, diretoras, professores, professoras que enchem o peito de orgulho: “nós somos”, “nós cuidamos das crianças”, “nós cuidamos dos adolescentes”... “Nós, nós, nós”: está cheio de “moralina” nesse discurso. As escolas geralmente estão alinhadas com as polícias, com o Judiciário, com o Estado, com a moral, com as religiões, com o pior, com os aspectos mais decadentes e reativos da humanidade capturada em nós. É preciso investirmos em uma outra educação. Educar os professores, os diretores, os donos de escola, talvez esse seja o maior desafio que temos pela frente.

Precisamos nos exercitar e nos cuidar o suficiente para não atrapalhar a vida de uma criança, o que só acontece quando somos capazes de nos abrir para, nas palavras de Fourier, “uma vida passional”, isto é, nos abrir para as potências de sermos afetados. Porque estamos totalmente atolados em vidas passionais tristes, preenchidos por paixões tristes. E é totalmente passional isso que alimenta o ódio, a piedade, o pior de nós e que busca o poder como compensação. Então, ser capaz de ser afetado, investir em vidas passionais, no sentido de que a paixão é bem-vinda, é uma abertura fundamental para a vida. Ser tocado, ser sensibilizado, ouvir o grito de uma criança, ouvir que a bagunça é ativa, é presença, é criação, é alegria. Ser capaz dessa sensibilidade, daquilo em que Deleuze e Felix Guattari insistiam muito: devir-criança, junto com o devir-mulher, com o devir-animal, os devires, ou seja, essa zona plástica da vida, essa zona estética. Isso é fundamental. Agora é preciso que nos preparemos para isso, o que não pode ser feito de qualquer maneira. Temos ouvido muito, e eu mesmo até sou um entusiasta dessa ideia, que a sociedade e esse planeta não serão mais os mesmos depois do coronavírus. Mas em que sentido?

Sabemos que a vida e a natureza têm um movimento independente do que os humanos se tornam. Enfim, os humanos talvez não sejam capazes de, a tempo, colher os frutos e os benefícios desse grande acontecimento que foi essa parada da Terra – como já diz a música do Raul Seixas, “o dia que a terra parou”. Talvez logo que isso passe, as forças de reterritorialização, de recodificação, de sobrecodificação já se instalem rapidamente. Porque há uma produção de subjetividade no tempo muito mais profunda e que demora, precisa de duração, precisa de uma modificação que gere consistência, que gere realmente um aprendizado. Mas esse aprendizado necessita de coragem e essa coragem precisa de preparação. Essa preparação precisa de abertura e oportunidade.

Esse momento de pandemia é uma oportunidade imensa para nós, que sempre nos relacionamos negativamente com o vazio, com o silêncio e com a solidão. Como disse, somos demandados o tempo inteiro pela máquina social para responder e atender demandas. As determinações são valorizadas na sociedade; as indeterminações, desvalorizadas. As determinações se dão no campo das formas, na forma do conteúdo, do movimento do corpo, na forma afetiva e moral do uso das paixões e na forma de expressão da própria linguagem que cria narrativas, que nos salva do acontecimento ameaçador para quando a vida está separada do que pode. Elas preenchem o buraco de um desejo separado do que pode com a nossa subjetividade; trata-se de um uso discursivo que produz sujeitos e significantes, sujeitos e ideais, a partir de um buraco negro. Essas determinações, significantes para o pensamento, subjetivantes para o desejo, moralizantes para as paixões, eficientes para o corpo, referem-se a organizações corporais, subjetivações do desejo, significações do pensamento. Toda essa zona estratificante, formalizante da vida, é uma zona de determinação que impede a experiência, que impede o acontecimento, que diz assim: “você pagará o boleto, não te deixarei bagunçar com os seus filhos, não te deixarei experimentar, você só experimenta no momento de lazer, depois você volta para a vida adulta que vale a pena”.

Que vida é essa que vale a pena? A máquina social não dá trégua. Por isso eu digo como o meu filho: “eu amo o coronavírus”, que produz também uma trégua interessante. Mas não podemos desconsiderar toda a omissão social, marcada por esse bolsonarismo pusilânime, dessa sociedade reacionária, da

direita ignóbil, da elite fascista, que estimula aquilo que Nietzsche dizia sobre os dois maiores perigos que corremos: um deles é a compaixão, sentir pena e se paralisar pelo cansaço, o cansaço que leva à compaixão e que nos faz desistir da vida; o outro é o nojo, a náusea, que causa esse tipo de vida impotente e triste, cheia de ódio, totalmente mortificada, que quer impor a morte a todos nós. E lidamos com esse descaso com a vida e com o cuidado dessa gente de baixa extração, de baixa estirpe, gente pertencente à raça dos odiosos, dos infelizes que não são capazes de experimentar e de viver a sua tristeza, de experimentar a sua dor no seu canto e tomar para si a responsabilidade de um uso diferente da dor e da tristeza, e não o uso piedoso e justiceiro. Essa é a baixa estirpe com a qual lidamos.

Por isso precisamos cuidar das crianças, porque delas podemos extrair maneiras de viver diferenciadas, fazendo uma alta extração do modo vivo, vivificante, que atravessa cada corpo de criança. A extração se dá a partir do acontecimento, e não da herança de um passado; ao contrário, quanto mais o passado é empilhado e atolado, escondido sob camadas, mais negativista e reacionário ele é, mais a morte pesa sobre a vida. Ao contrário, quando nos tornamos filhos do acontecimento, tornamo-nos uma força de criação. As crianças são todas forças criadoras. Claro que há crianças adultizadas desde cedo, crianças pequenas já cansadas, já sendo capturadas. Isso sim é uma coisa que não deveríamos tolerar: o massacre que é feito sobre as crianças.

Enfim, somos determinados de uma maneira tal a abandonar a zona realmente criativa e autônoma da vida. Somos desestimulados a viver o tempo como uma presença real e como uma fonte de fabricação do real. Somos desestimulados a viver um movimento intensivo como algo prioritário, urgente e necessário. Viver um movimento extenso e organizado, por exemplo, fechar, quebrar, apagar o computador, ou seja, quebrar a extensão do movimento a partir da intensidade da bagunça. A intensidade da bagunça e a afirmação do pensamento como acontecimento são desqualificadas porque é o ideal que se põe no lugar do acontecimento. A potência de acontecer é desqualificada ao mesmo tempo que se invoca o sujeito estruturado para esconjurarmos aquilo que nela é uma ameaça. A potência do acontecer passa a ser virtualmente perversa, louca, criminosa, perigosa e ameaçadora. Então, esconjura-se a potência de acontecer e coloca-se logo um sujeito no lugar, no lugar da falta criada, como

na invocação de Jacques Lacan, de que onde o inconsciente está, há de vir o sujeito.

Ora, há de vir o sujeito no lugar da potência de acontecer. Há de vir a significação no lugar do acontecimento, enquanto pensamento e sentido e valor. Há de vir a organização no lugar da intensificação do movimento, há de vir o corpo organizado no lugar do corpo sem órgãos. Há de vir a forma no lugar da força, há de vir a verdade no lugar da potência de criar. Isso são as determinações que nossa cultura dominante tanto valoriza.

As esquerdas deveriam fazer um exercício crítico nesse sentido, porque muitas vezes vários movimentos de esquerda embarcam na questão da determinação, na valorização da determinação e de uma ordem de direito e, até mesmo, de um Estado Democrático de Direito que, no fundo, é uma grande farsa. Ainda somos pedintes, demandantes de um Estado de direito, como se o direito viesse de alguma instância celeste ou transcendente, ou mesmo que fosse humana, ainda assim viria de um Estado. E, na verdade, não vem.

Quero chamar a atenção para um aspecto: muitos de nós nos ressentimos de não poder sair nesse momento, de estarmos sofrendo uma verdadeira prisão domiciliar. Muitos não sabem o que fazer com o tempo e com as forças estranhas que, de repente, começam a aparecer. Mas que forças são essas? Elas já estavam mesmo em nós? O aumento da violência doméstica já virou uma outra epidemia junto com essa pandemia. Muitas separações já estavam se produzindo também aí. Quanta gente já estava no desespero de não ter um preenchimento corporal e compensava essa carência com as mídias, as redes sociais, os celulares, os computadores, com o Facebook, Instagram, ou seja lá o que for? Não que isso seja ruim, mas a questão é o uso que se faz disso, porque o desejo quer fazer conexões, mas as conexões são capturadas; as conexões de um desejo que quer acontecer, geralmente, são capturadas para que ele aconteça simplesmente de modo a se descarregar, a se distensionar, a se despressurizar, a se desintensificar, porque o acontecimento, a intensidade e a solidão são apavorantes.

Ora, isso está substituindo as nossas determinações: “eu não estou precisando trabalhar” ou “eu estou trabalhando em casa”. Mas o que estamos fazendo exatamente dos movimentos corporais? Qual uso estamos fazendo da

nossa sensibilidade, sensações, emoções, afetos, pensamento, linguagem, memória, imaginação? Qual espaço temos? Um cubículo, um quarto, uma casa, uma sala, enfim, vários ambientes? Pode-se sair à rua ou não? O que essa restrição na extensão faz senão interromper essa demanda sem tréguas que a máquina social produzia sobre nós? Esta é uma oportunidade incrível para não sermos mais demandados.

Observem que interessante: muitas pessoas quando se aposentam caem em uma certa tristeza, por não se virem mais úteis à sociedade, sentindo-se imprestáveis e um peso à família simplesmente por só existirem, porque atendiam demandas, o que lhes tornava úteis e valorizadas pelos outros. Lembro-me de Deleuze dizendo, quando estava aposentado, da felicidade em ser esquecido pela sociedade, da alegria em não ser demandado. Essa é uma visão outra: que presente é você ser esquecido, não ser lembrado, não ser demandado, porque essas demandas são capturas; essas demandas são prisões, são chamamentos para que atendamos, entreguemos e disponibilizemos o nosso tempo de criação para um tempo de reprodução; damos o nosso sangue, a nossa vida; somos parasitados, somos sugados.

Em *Bartleby, o escrivão*, de Herman Melville (1853/2010), o personagem principal enuncia algo surpreendente quando é contratado para trabalhar em um escritório. Bartleby enuncia loucamente, de modo aparentemente sem sentido, “prefiro não”. “Faça isso”: “prefiro não”. “Faça aquilo”: “prefiro não”. “Diga isso”: “prefiro não”. “Ouça aquilo”: “prefiro não”. Ele “prefere não”, ele suspende as demandas.

Agora estamos em uma situação favorável, já que as demandas estão suspensas – evidentemente que não para todos e não no mesmo nível. E uma vez que as demandas são diminuídas, não somos cobrados a existir por meio do atendimento dessas demandas. Não é ao atender as demandas que existimos. Esse espelho social é, de alguma maneira, quebrado, fragmentado, perdendo a sua importância, e nós deixamos de existir através do espelho. Então, nosso corpo não se acopla mais com outros corpos, o nosso pensamento não precisa mais ser fisgado por significações e chamar à submissão das nossas multiplicidades a um sujeito diligente, eficiente, competente, responsável. Agora, podemos dar férias para esse sujeito, para esse corpo que é todo eficiente.

Vejam que interessante: podemos vagabundear um pouco, sem sermos cobrados por isso. Mas aí as pessoas dizem não aguentar mais ficar em casa e olhar para a cara de seus familiares. Bem, as pessoas não sabem o que fazer com os afetos e com as forças que têm e as que tinham. E essas forças começam a bater na porta, dizendo algo como “olha, estou me apresentando aqui, lá vem a bagunça!”. Só que a bagunça das crianças é a bagunça que está nos nossos porões, mas não precisamos ter criança em casa: os nossos porões sobem à superfície e essas forças estranhas podem nos enlouquecer. Torna-se um perigo ter que pensar a partir dessas forças, afinal, o que fazemos com a nossa solidão, com todo esse silêncio? As redes sociais se encarregam desse silêncio, afinal, a tagarelice segue; mesmo que silencie a tagarelice da linguagem ou das redes sociais, segue a tagarelice das afecções, da imaginação. Mas será que somos capazes de assumir que, na verdade, o pensamento só acontece quando a tagarelice cessa, quando o silêncio advém? Quer dizer, quando advém o silêncio como condição do pensamento, como condição da afirmação do pensamento, e o vazio como condição da intensificação do corpo.

Mas surgem reclamações de que o vazio está insuportável e de que é necessário encontrar e se relacionar com outros corpos. Ora, é no vazio que o corpo se experimenta em movimentos intensivos, surpreendentes. Com movimentos e “surpreendências”. Existem muitas surpreendências no vazio que se impõe ao corpo, no silêncio que se impõe ao pensamento e na solidão que se impõe ao desejo. O vazio que se impõe ao corpo pode ser descoberto ou podemos perceber que ele cresce, perceber que ele não é um nada, que ele é real. O vazio como real nos dá esse presente de fazer se apresentar em nós o nosso corpo sem órgãos, o nosso corpo intensivo. O silêncio do pensamento, na medida em que se impõe, nos dá oportunidade de pensamento, de pensar em nós e deixar o “cabeção” de lado, afinal, não é o cabeção que vai pensar mais: “ah, eu penso”. Não, o sujeito não pensa, o sujeito é na verdade a inviabilização do pensamento alternativo. O sujeito, como diz Nietzsche, pressupõe uma negação do devir. Quando o sujeito nega o devir, ele não pensa.

Mas não somos nós sujeitos de conhecimento? Sim, enquanto sujeitos assujeitados, porque o conhecimento que temos tem a forma do negativo; mas não enquanto produção livre de pensamento. Então, nessa condição pandêmica, deparamos com mais uma oportunidade: deixar o cabeção de lado,

deixar que o sujeito seja destituído do seu posto autorizado de produtor de verdade e permitir que o pensamento, enquanto acontecimento de potência, pense através de nós. Afinal, não sou eu que penso a ideia, é a ideia que pensa em mim.

E quanto à solidão? Se a solidão não é um abandono, por que a vivemos como tal? A ilha deserta é só uma ilha quando ela se desinteressa das relações: não conseguindo mais se relacionar enquanto bolha, a partir de uma confusão, de uma valorização, de uma hipervalorização do acontecido em nós que tomou o lugar dessa potência de acontecer. Esse acontecido em nós que toma o lugar da nossa potência de acontecer cria uma bolha não relacional, isso é o Estado em nós, que só vai se relacionar através de mediações. A ilha cresce, o deserto cresce, mas quando você percebe que, na verdade, esse abandono é causado por essa ilusão e por essa supervalorização da dor e do prazer, pela tirania de uma paixão, você percebe que tem a oportunidade de fazer com que a potência de acontecer encontre diretamente outras potências de acontecer, além e aquém dos sujeitos, além e aquém dos objetos, além e aquém das representações. E que se faça relação direta, nem vertical, nem horizontal, mas transversal, em um plano de composição de potência. Nesse sentido, a solidão se torna a condição do encontro, e não a impossibilidade do encontro. Exercitar a solidão, um amor à solidão, é fundamental para que nos preparemos. E, com isso, deveríamos aproveitar agora para nos preparar para quando essa máquina voltar a todo vapor. Aproveitar para ficar ainda mais isolados, ou seja, investir na solidão não para separar ou se isolar, mas como condição de encontros potentes, como condição de encontros generosos, como condição de amores ativos, e não amores passivos. Como condição de uma solidariedade realmente ativa, e não uma solidariedade de miséria ou na miséria. Mas para isso é preciso se preparar, e só nos preparamos na medida em que nos abrimos para o acontecimento.

Que oportunidade de abertura é essa que o coronavírus nos traz? Ele escancara a zona de indeterminação da vida; ele escancarou a existência de muitos lugares e tempos e modos de desejo desabitados, porque foram desqualificados e sombreados, como se não existissem, e agora sobem à superfície. Estão diante de nós, escancarados, em forma de solidão, de silêncio e de vazio. Mas sempre estiveram aí, só que o coronavírus é uma espécie de lente de

aumento: já que não nos abrimos, que estamos fechados, tomamos a abertura de modo violento; é uma abertura violenta, esse é um acontecimento violento. Mas que violência é essa do acontecimento?

O acontecimento é o escancarar dessa morte como aliada, dessa zona de passagem que sempre esteve – sempre está e sempre estará – aqui, dessa face do absoluto que deveria ser a nossa fonte, a nossa inspiração, de onde bebemos e nos alimentamos para acumular seres de tempo e intensidades que nos levam a criar novas realidades, novas maneira de existir, ao mesmo tempo que criamos a nós mesmos. Então, há aqui um “sim” à indeterminação. A indeterminação não é menos que a determinação, ao contrário, quando vem a indeterminação, vem esse tapa na cara dado pelos nossos filhos, pelas nossas crianças e pela criança em nós. A indeterminação vale mais, ela é a alegria, a porta de entrada; ela está aí como condição da diferenciação, e não da determinação. Mas o que se põe no lugar da determinação? Nada. Temos que acabar com a determinação, porque a indeterminação é primeira e não tende a ser determinada; a indeterminação é uma ocasião não de determinação, mas de diferenciação. Portanto, é uma condição para acessar a nossa zona de experimentação.

Essa é, então, uma grande oportunidade de experimentarmos. Como dizem Deleuze e Guattari, “não experimentarás no teu canto, não te deixaremos em paz”. Precisamos cuidar disso, considerando o doméstico como fundamental. Ora, o doméstico é uma zona protegida para aquele que está aprendendo a experimentar, e mais: para que se torne um grande experimentador, para que possa afirmar a duração como máquina ou fábrica de realidade; para que possa experimentar o movimento, não como passível de organização, mas como potência de composição e de intensificação. Além disso, o doméstico é um meio oportuno para provar do devir não como desorganização do pensamento, mas como uma potência de afirmar a diferença, de maneira tal que o pensamento é uma realidade indestrutível a cada momento que cria e se autocria. E nada é mais consistente que o devir. É o contrário do devir para morte, é o contrário da ideia de um devir que, supostamente, seria fonte de inconsistência. É no tempo como duração, ou devir ativo, que se cria consistência. É no devir, é na zona de passagem, que nos tornamos eternos ou

produzimos eternidade na existência, e o fantasma da morte começa a desaparecer.

Para finalizar, quero retomar a ideia de meu filho: “eu amo o coronavírus”. Vejamos a lição que o vírus nos dá: uma macromolécula, envolta por uma camada de lipídio, é capaz de uma reprodutibilidade e de uma velocidade de contágio tais que fazem inveja a qualquer pensamento humano. Que tal se inventássemos ideias com essa potência de contágio, com essa potência de replicação? Ideias afirmativas do devir e que, como tais, não ficam no plano das ideias, mas se tornam imediatamente afetos ativos ou forças ativas a ponto de não precisarmos mais de uma consciência condutora da vida. As esquerdas ficaram muito tempo elogiando a consciência, como se fosse necessária para não oprimir, para não capturar. Mas a consciência é um efeito e enquanto tal nos impede de ver: ultrapassar a consciência, entrar nessas ideias afirmativas que logo trazem a força ou se tornam afetos ativos, é isso que importa.

Nietzsche achava assombroso o quanto nós, humanos, somos afetados pela com-tristeza e cultivamos a compaixão e se espantava com o não cultivo da com-alegria. É incrível como a comiserção se apossa das pessoas com tanto poder de contágio. Mas, estranhamente, o que a gente não vê é o contágio da alegria ou o contágio das alegrias ativas que estão fora de moda, fora da ordem. Já a tristeza faz parte da ordem estabelecida. Então, o que pensar da potência de um vírus que tem essa velocidade de contágio, essa capacidade de multiplicação? Trata-se de um modo da natureza que se multiplica, afinal, a natureza, antes de ser uma unidade, é multiplicidade e o que a torna coesa, sua unidade, só acontece no seu modo de inventar e se repetir. É aí que a unidade acontece, na pura afirmação da diferença.

Assim, em vez de ficarmos lamentando, precisamos ter coragem de assumir que temos todas as forças, que elas já estão em nós e só precisamos acessá-las. A natureza não nos coloca na existência sem tornar disponível todas as forças que podem nos libertar e criar a nós mesmos. Mas tem algo em nós que nos separa do que podemos, a começar pelo mau uso que fazemos do mal e do bem que nos acontecem. Então, quando começamos a fazer um uso interessante do que nos acontece, extrair força tanto do mal quanto do bem, elevamos a nossa potência ao máximo e nos tornamos dignos de todo acontecimento. Por exemplo, precisamos extrair força do que está nos acontecendo agora:

extrair força do vazio, extrair força da solidão, extrair força do silêncio, extrair força de uma nova maneira de produzir valor, porque muitos estarão sem emprego, muitos não terão as profissões restabelecidas, muitos irão à falência e vão precisar de outras ajudas, relações ou tutelas, outras alianças, ou seja, muitas coisas vão se modificar. Esta é uma oportunidade incrível que não podemos desperdiçar. Essa é a oportunidade que precisamos amar.

Referência

Melville, H. (2010). *Bartleby, o escrivão*. Rio de Janeiro: Rocco. (Trabalho original publicado em 1853).